

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
CURSO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

**FABIANE HOFSTTÄTER FREITAS DE ARAÚJO**

**VOZES FEMININAS NA POESIA DO SUL: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE  
TRÊS POETAS CONTEMPORÂNEAS**

**Jaguarão  
2021**

**FABIANE HOFSTÄTER FREITAS DE ARAÚJO**

**VOZES FEMININAS NA POESIA DO SUL: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE  
TRÊS POETAS CONTEMPORÂNEAS.**

Orientadora: Profa. Ma. Mariane Pereira  
Rocha

**Jaguarão  
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A713v Araújo, Fabiane Hofsttäter Freitas de  
VOZES FEMININAS NA POESIA DO SUL: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE  
TRÊS POETAS CONTEMPORÂNEAS / Fabiane Hofsttäter Freitas de  
Araújo.  
54 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021.

"Orientação: Mariane Pereira Rocha".

1. Literatura. 2. Feminino. 3. Poética. 4. Rio Grande do  
Sul. I. Título.

**FABIANE HOFSTTÄTER FREITAS DE ARAÚJO**

**VOZES FEMININAS NA POESIA DO SUL: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE  
TRÊS POETAS CONTEMPORÂNEAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Letras –  
Português, modalidade a distância  
da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial  
para obtenção do Título de  
Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 10 de dezembro de 2021

Banca examinadora:

---

Profa. Ma. Mariane Pereira Rocha  
ORIENTADORA  
UNIPAMPA/UAB

---

Profa. Dra. Ariane Avila Neto  
(IFFAR)

---

Profa. Ma. Virgínia Caetano  
(/Unipampa-UAB)

---

Profa. Dra. Marcela Richter  
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **Ariane Ávila Neto de Farias, Usuário Externo**, em 22/12/2021, às 10:44, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Virginia Barbosa Lucena Caetano, Usuário Externo**, em 22/12/2021, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCELA WANGLON RICHTER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/12/2021, às 13:35, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Mariane Pereira Rocha, Usuário Externo**, em 22/12/2021, às 15:15, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0701251** e o código CRC **0A04E745**.

---

Dedico este trabalho à minha família, meu esposo Leandro, Amor, Parceiro e colega de curso, minha maior inspiração; aos meus filhos Érico e Luna, com amor, pela compreensão e abdicção de muitos momentos e à minha mãe lara, por todo amor que representa na conquista deste sonho.

## AGRADECIMENTO

À Profa. Ma. Mariane Pereira Rocha pela orientação, pelo carinho, por cada palavra que me emocionava e me dava forças para seguir adiante em busca da minha melhor escrita. Te agradeço por fazer parte desse momento especial e muito sonhado da minha vida.

A todos os professores e tutores do curso de Letras Português da UNIPAMPA, mestres incríveis que me fazem, hoje, professora.

À nossa primeira tutora Daiana Godinho Martins, por cada conversa, cada ensinamento, pois sempre estive ao nosso lado em todos os momentos.

À minha Tia querida, Rejane Accadrolli, por toda ajuda e incentivo e à minha amiga do coração Adriana Mendes por fazer parte dessa caminhada com muito amor e carinho.

Às poetas escolhidas Angélica Freitas, Marília Floôr Kosby e Jurema Chaves por suas obras inspiradoras, em especial à Jurema pelo carinho e amizade ao longo desses anos.

Aos colegas da UAB do Polo de Esteio, pelas trocas de experiências e parceria nesses quatro anos, em especial à nossa colega Valéria Denise Nunes pela parceria e amizade.

Aos profissionais da UAB do Polo de Esteio, pelo apoio em todas as questões entre nós, estudantes, e a universidade.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo averiguar e refletir sobre o imaginário acerca do feminino contido nas obras *Um útero é do tamanho de um punho* de Angélica Freitas, *Mugido* de Marília Floôr Kosby e *Jurema 60 anos de poesia* de Jurema Chaves, publicadas no século XXI. Com esta proposta, através da perspectiva da literatura comparada, busca-se analisar suas especificidades na Literatura sul-rio-grandense observando a representação do feminino na poética do Rio Grande do Sul. O referencial teórico inclui autores que desenvolveram teorias e pesquisas a respeito do silenciamento das vozes femininas na sociedade, o patriarcalismo, a importância do movimento feminista e, a poética no Rio Grande do Sul.

**Palavras-chave:** Literatura. Feminino. Poética. Rio Grande do Sul.



## ABSTRACT

This work aims to investigate and reflect on the imaginary about the feminine contained in the works *Um útero é do tamanho de um punho* by Angélica Freitas, *Mugido* by Marília Floôr Kosby and *60 anos de poesia* by Jurema Chaves, published in the 21st century. With this proposal, through the perspective of comparative literature, we seek to analyze its specificities in the Literature of Rio Grande do Sul, observing the representation of the feminine in the poetics of Rio Grande do Sul. The theoretical framework includes authors who developed theories and researches about the silencing of female voices in society, patriarchy, the importance of the feminist movement, poetics in Rio Grande do Sul.

**Keywords:** Literature. Feminine. Poetics. Rio Grande do Sul.

***“Que nada nos defina, que nada nos sujeite.  
Que a liberdade seja a nossa própria  
substância, já que viver é ser livre.”***

***(Simone de Beauvoir)***

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. PERCURSOS TEÓRICOS.....	16
2.1 Os momentos do feminismo no Brasil.....	16
2.2 A poesia e o regionalismo.....	19
3. ANÁLISES.....	23
3.1 ANGÉLICA FREITAS E O FEMININO NA OBRA UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO: LEITURA E ANÁLISE DE POEMAS.....	23
3.1.1 Uma mulher limpa.....	24
3.1.2 Uma mulher sóbria.....	26
3.1.3 Uma canção Popular ( séc. XIX-XX).....	27
3.1.4 Uma mulher gorda.....	29
3.2 MARÍLIA FLOÔR KOSBY E SUA VISÃO DO FEMININO NO MEIO RURAL NA OBRA <i>MUGIDO [OU DIÁRIOS DE UMA DOULA]</i> .....	31
3.2.1 mmmmm.....	31
3.2.2 angélica.....	33
3.2.3 [Quando fui ganhar o Jefferson, eu não tive dilatação].....	35
3.2.4 [degolar pelo prazer de ter a língua de alguém dentro da mão].....	36
3.3 JUREMA CHAVES E A SENSIBILIDADE FEMININA NO REGIONALISMO GAÚCHO NA OBRA <i>JUREMA 60 ANOS DE POESIA: LEITURA E ANÁLISE DE POEMAS</i> .....	37
3.3.1 Meu canto chão.....	38
3.3.2 Cultura sem fronteiras.....	40
3.3.3 Canção das águas .....	43
3.3.4 Doidivas (2).....	45
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
5. REFERÊNCIAS.....	50

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, notamos o silenciamento com relação às vozes femininas na literatura. São séculos de falas que foram caladas em todos os setores da sociedade. Na literatura, não foi diferente. Os cânones literários eram e ainda são compostos por uma maciça maioria masculina que escreviam pelo seu ponto de vista, enaltecendo e reforçando a estrutura patriarcal e machista na qual a nossa sociedade, até hoje, está inserida, acentuando as ideias de inferioridade e submissão da mulher. De modo a corrigir esse apagamento, bell hooks aponta a relevância das intervenções dos textos feministas em favor do reconhecimento de vozes “frequentemente silenciadas, censuradas ou marginalizadas” (HOOKS, 2019, p. 231).

O patriarcalismo foi fundamental para o cerceamento das vozes femininas e a crença de que o homem deve exercer a posição social de “chefe” ou de “senhor”, enquanto as mulheres devem se manter em posições de inferioridade e submissão, o que resultou na não inserção dessas na escola. Mulheres brancas, ricas ou pobres, mulheres negras e indígenas não tinham direito à leitura e à escrita. Esse ingresso aconteceu tardiamente e da forma como os “senhores” desejaram, com ensinamentos totalmente voltados aos “afazeres do lar” e dos “cuidados com a família”. O trecho abaixo, extraído da obra de Augusto Comte, reflete a definição do “feminino” na ideologia positivista ao longo do Século XIX.

Toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior, a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe. (COMTE, 2000, apud PEREIRA E FAVARO, p. 5530)

Em meados do século XIX, aproximadamente, somente as mulheres brancas ingressaram em escolas particulares, de forma tímida. Apenas as meninas com posses iniciaram-se nos estudos, que enfocavam no comportamento familiar e social. Segundo Milena Aragão e Lúcio Kreutz (2010, p. 109), “desde o período colonial, a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da casa e dos filhos”, pois, na época, por se considerar a mulher um ser inferior, não era de suma importância que a mesma aprendesse a ler e escrever, muito menos havia a premência de uma educação escolarizada.

O feminismo exerceu e exerce um papel fundamental nas conquistas dos direitos pelas mulheres. A literatura e o feminismo seguiram o mesmo percurso, caminharam conjuntamente, ultrapassando os obstáculos e barreiras apresentadas em cada século. Vitórias, tais como mulheres frequentarem as universidades, terem direito ao voto, terem profissão e salários compatíveis aos dos homens levaram muitas pessoas a protestar contra a opressão e a misoginia. Dessa forma, as escritoras, foram aparecendo de maneira tímida, mas considerável, década após década.

Uma das formas mais contundentes do exercício desse poder simbólico é a invisibilidade da autoria feminina do século XIX, período formativo da identidade nacional durante o qual a literatura foi institucionalizada como instrumento pedagógico de viabilização de nossa diferença cultural em razão de sua força simbólica para sustentar a coerência e a unidade política da concepção romântica da nação como “o todos em um”. (SCHMIDT,2019, p.71)

A ausência de textos e trabalhos de autoria feminina, por um longo período da história, foi relevante para o apagamento dessas vozes. Um contexto, em que somente homens escreviam sobre as mulheres, de acordo com sua visão sobre elas, que resultou em um feminino retratado de forma muito superficial, estereotipada e nada aprofundada. Essas marcas ainda são vistas, até os dias de hoje, na literatura produzida por mulheres do século XXI.

Na pesquisa que segue, o desenvolvimento da temática das vozes femininas se dará através da poesia brasileira contemporânea. A delimitação do corpus será baseada nas obras de Angélica Freitas, Marília Floôr Kosby e Jurema Chaves, publicadas no século XXI, que serão analisadas em capítulos destinados a cada autora. A questão principal deste trabalho é, através da perspectiva da literatura comparada, averiguar o imaginário acerca das mulheres contido nas obras, analisando suas especificidades e peculiaridades. Pretende-se mostrar a singularidade e a importância de cada poeta na literatura sul-rio-grandense, investigando as características de cada trajetória e observando a representação do feminino na poética do Rio Grande do Sul.

Para confirmar a hipótese dessa pesquisa de que há um retrato do feminino, a partir de toda a sua multiplicidade, reconhecendo-se que em algumas obras isso acontece de maneira estereotipada e, em outras, de maneira emancipadora, será feita a análise do imaginário acerca do feminino nas obras das poetisas mencionadas. Será observada a relevante contribuição do feminismo para o atual entendimento da

importância das mulheres na literatura, buscando em suas obras as representações e os entendimentos sobre o fêmeo, a fim de comparar as poéticas, histórias, trajetórias, a importância de cada autora e suas singularidades no cenário poético contemporâneo. Assim, espera-se traçar um paralelo entre elas, contextualizando no século XXI suas poéticas e a relevante contribuição de seus poemas na literatura regionalista contemporânea do Rio Grande do Sul.

Jurema Chaves, reside em São Leopoldo/RS, é poeta, escritora, declamadora, radialista, ativista cultural e avaliadora de concursos de poesia e festivais tradicionalistas no Rio Grande do Sul e em outros estados. Sua primeira publicação foi o livro de poesia “Buscando Horizontes”, em 1988. A escritora se consagrou no Movimento Tradicionalista Gaúcho, sendo, a autora mais declamada em concursos de declamação e festivais de cultura e folclore gaúchos. Jurema exerce uma função muito importante na produção poética do Rio Grande do Sul. Dentre os autores que predominam na chamada “poesia regionalista” gaúcha, ela é uma exceção, visto que os meios de circulação desse tipo de poética são predominantemente masculinos. Podemos citar como exemplo, a Sesmária da Poesia Gaúcha, festival de poemas inéditos que acontece anualmente em Osório/RS e que, no ano de 2019, realizou sua vigésima quarta edição, contando com apenas oito autoras qualificadas a serem representadas no festival, entre mais de duzentos e cinquenta poemas apresentados. Jurema esteve entre os finalistas em cinco edições. É extremamente conhecida dentro desse universo tradicionalista, pois suas composições atendem aos anseios deste público. São poemas que falam dos usos e costumes do Rio Grande do Sul. Não têm como característica temas sociais ou a busca por um maior espaço do feminino no ambiente cultural e folclórico, tratando preferencialmente sobre a mulher “prendada” e a exaltação às belezas naturais do estado.

Angélica Freitas, por sua vez, é natural de Pelotas, e reside na Alemanha, formada em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ela estreou em 2009 na literatura com o livro *Rilke Shake*, que no mesmo ano teve duas edições. Já em 2012, publicou o livro *Um útero é do tamanho de um punho* e em 2020 lançou o terceiro livro *Canções de Atormentar*, quebrando padrões e paradigmas constituídos na literatura, problematizando questões consideradas “tabus”, lançando um olhar crítico e de desconstrução de muitos mitos relacionados às mulheres, assim, Angélica se consolidou na literatura contemporânea. Sua poesia irônica, crítica e

contundente é um verdadeiro ato de resistência, um grito de liberdade, é a própria ruptura do sistema literário machista e excludente em que o cânone literário está inserido. Sua obra rompe e perpassa essa estrutura clássica.

Já Marília Floôr Kosby, natural de Arroio Grande, é doutora em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e compositora. Em 2016 recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura, premiação considerada o mais importante prêmio cultural do Rio Grande do Sul, concedida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através de sua Secretaria de Cultura. É autora dos seguintes livros de poesia: *Mugido (ou diário de uma doula)*, 2017, *Os baobás do fim do mundo* (2011;2015), *Siete colores* e *Um pote cheio de acasos* (2013) e do ensaio *Nós cultuamos todas as doçuras: as religiões de matriz africana e a tradição doceira de Pelotas* (2015).

A escolha dessas três autoras, importantes na contemporaneidade da produção poética no Rio Grande do Sul, se deu justamente pela pluralidade temática e estilística em suas obras. São poetisas que encontram na arte um canal de comunicação para transmitir mensagens singulares. Enquanto Angélica Freitas mostra toda uma urbanidade em sua poesia, para falar sobre a mulher, seu sofrimento e as injustiças que sofre, Marília Kosby traz uma mensagem semelhante, contudo, ambientada em um contexto rural. Ela conhece o ambiente da campanha e suas peculiaridades, e usa isso para falar sobre o machismo, a imposição patriarcal. Jurema Chaves, por sua vez, também traz muito do ambiente rural e nativo em seu texto, contudo, utiliza-o como uma forma de ufanismo tradicionalista, não entrando nas temáticas feministas ou de procura pela igualdade de gênero, centrando muitas vezes sua voz lírica no destaque às belezas naturais sul-rio-grandenses.

Na obra *Um útero é do tamanho de um punho* (2017) de Angélica Freitas, serão analisados poemas como “uma mulher limpa”, “Uma mulher sóbria”, “Uma canção Popular (séc. XIX-XX)” e “Uma mulher gorda”. Já na obra *O mugido* de Marília Floôr Kosby serão analisados “mmmmmm”, “angélica”, [Quando fui ganhar o Jefferson, eu não tive dilatação] e [degolar pelo prazer de ter a língua de alguém dentro da mão] e na obra *Jurema 60 anos de poesia* de Jurema Chaves, os poemas “Canção das águas”, “Cultura sem fronteiras”, “Doidivanas (2)” e “Meu canto chão”. As análises buscarão na lírica dessas autoras o imaginário de “mulher”, a maneira como elas

definem e retratam, através de suas perspectivas, poemas com temáticas variadas que evoquem a questão feminina.

Por conseguinte, para que se desenvolva o presente trabalho, será utilizada a metodologia bibliográfica na perspectiva dos estudos comparados. De acordo com Carvalhal (1991), a literatura comparada “é uma prática intelectual que, sem deixar de ter no literário o seu objeto central, confronta-o com outras formas de expressão cultural” (CARVALHAL, p. 13), o que irá permitir a comparação entre obras de diferentes poetas, no período histórico relacionado, correferente com o tema anteriormente mencionado. A autora enfatiza que

comparar não é justapor ou sobrepor mas é, sobretudo, investigar, indagar, formular questões que nos digam não somente sobre os elementos em jogo (o literário, o artístico) mas sobre o que os ampara (o cultural, por extensão, o social). (CARVALHAL, 1991, p. 11)

A literatura comparada estabelece uma relação entre obras de um escritor, de um determinado período histórico, com outros escritores, com a finalidade de estabelecer relações de semelhanças ou distanciamentos entre elas. As práticas dessa área de estudo nos trazem à luz questões históricas, teóricas e culturais no âmbito literário e artístico da humanidade.

## **2. PERCURSOS TEÓRICOS**

### **2.1 Os momentos do feminismo no Brasil**

O apagamento de vozes femininas, em um ciclo repetitivo e padronizado, aconteceu constantemente na sociedade em que vivemos. Para Michelle Perrot (2005, p. 9), “o silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento” e na literatura não foi diferente. Quando se institucionalizou a literatura como instrumento pedagógico, é que a invisibilidade da autoria feminina se acentuou. Para Perrot, foi no século XIX, em que as figuras masculinas, do ser pensador, crítico e escritor foram estabelecidas como o sujeito que representa a cultura e a cidadania naquele contexto concebido de nação moderna.

Inicialmente isoladas na escrita privada e familiar, autorizadas a formas específicas de escrita pública (educação, caridade, cozinha, etiqueta...), elas se apropriaram progressivamente de todos os campos de comunicação - o



jornalismo por exemplo - e da criação: poesia, romance sobretudo, história às vezes, ciência e filosofia mais dificilmente. Debates e combates balizam estas travessias de uma fronteira que tende a se reconstituir, mudando de lugar. (PERROT, 2005, p. 13)

O movimento feminista e seus momentos foram de suma importância para a conquista dos direitos das mulheres, a luta no passado, destas que acreditavam em um relacionamento justo entre os sexos, foi fundamental para que as novas gerações usufríssem, preservassem e lutassem por conquistas importantes do movimento. O feminismo é toda ação e protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, é a luta contra a retirada de direitos civis e políticos, como o direito ao voto, para mudança da representatividade no meio político, bem como o direito básico de aprender a ler e escrever.

No Brasil, em 1827, é dado o direito ao estudo às meninas, quando foi criada a primeira legislação que autorizava a abertura de escolas públicas femininas. Em 1832, é publicado o livro *Direito das mulheres e injustiças dos homens* de Nísia Floresta, considerado o primeiro no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho e o reconhecimento de que elas eram inteligentes e merecedoras de respeito. Nísia trouxe ao Brasil o clamor que vinha da Europa e transformou aquelas ideias para o contexto histórico brasileiro. As primeiras mulheres que receberam uma educação diferenciada foram precursoras de estender a escola às companheiras, abrindo escolas, publicando livros e enfrentando opiniões adversas de que as mulheres não precisavam saber ler e escrever, porém o desejo de sair da situação de submissão era imensurável.

O segundo momento, surge por volta de 1870 com um grande número de jornais e revistas feministas como: *o sexo feminino* de Francisca Senhorinha da Mota Diniz, *Echo das Damas* de Amélia Carolina da Silva Couto e *O Corimbo* de Heloísa de Melo e Julieta de Melo. *O Corimbo* foi persistente na mobilização de mulheres na luta a favor do voto, da educação superior e da profissionalização feminina. Nesse período surgem as primeiras notícias de brasileiras realizando cursos superiores no exterior e no Brasil, enquanto a literatura, o teatro e a imprensa masculina tratavam de ridicularizá-las, manifestando a impossibilidade de manter um casamento e o cuidado dos filhos no mesmo momento em que exerciam sua profissão.

O terceiro momento se inicia no século XX com o clamor feminino por seus direitos e o direito de ampliação do campo de trabalho. Bertha Lutz e Maria Lacerda

de Moura são alguns dos nomes que surgem nesse período. Em 1932, o presidente Getúlio Vargas incorporou ao novo código eleitoral o direito das mulheres ao voto. Na literatura o destaque era para as escritoras feministas: Rosalina Coelho Lisboa, em 1921 conquistou o primeiro prêmio no concurso literário da Academia Brasileira de Letras, em 1930, Rosalina foi a primeira mulher a ser encarregada pelo governo brasileiro para uma missão cultural no exterior. Do mesmo modo, Gilka Machado, em 1918, publicou livros de poemas eróticos e Mariana Coelho se destaca por seus escritos, ficando conhecida, inclusive, como “Beauvoir tupiniquim”. Ainda, Rachel de Queiróz se impôs e penetrou no mundo das letras, das redações, dos partidos, espaços totalmente masculinos. Ainda em 1977, ela foi a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras.

O quarto momento é marcado pela revolução sexual e literária. O dia 08 de março é oficialmente considerado, pela ONU, o Dia Internacional da Mulher<sup>1</sup>, pois os sacrifícios das trabalhadoras americanas tinham que ser lembrados e respeitados, tornando-se o símbolo da luta feminina. No Brasil, as mulheres também lutavam contra a ditadura militar e a censura, buscando por melhores condições de vida e a redemocratização do país. Ainda assim, debateu-se muito a respeito da sexualidade, do aborto e do direito ao prazer, das pílulas anticoncepcionais, do planejamento familiar e o controle da natalidade com a frase norteadora “Nosso corpo nos pertence”. Rose Marie Muraro é o grande nome do período com lançamento de diversos livros e atuação feminista firme e coerente. No campo político, as mulheres ocupavam alguns espaços e no campo literário algumas escritoras como Nélida Piñon participaram do manifesto dos 1000 contra a censura visando a redemocratização Brasileira.

Vivemos no pós-feminismo? Esse termo não é consenso entre muitas autoras e pesquisadoras, já que se pensarmos que o feminismo é importante e presente na sociedade, pois não atinge a todas as mulheres, uma pequena parcela da população, talvez em que mulheres são tão valorizadas quanto os homens, que tem direito à educação, saúde básica, uma carreira ascendente é que o feminismo possa parecer ultrapassado. O patriarcado continua arraigado em nossa sociedade, a luta continua por salários iguais entre os sexos, por respeito e igualdade em assembleias e cargos de direção. A violência e o feminicídio tornaram-se fortes e cotidianos. O movimento

---

<sup>1</sup> Na década de 1970, o ano de 1975 foi designado pela ONU como o Ano Internacional da Mulher e o dia 8 de março foi adotado como o Dia Internacional da Mulher pelas Nações Unidas, tendo como objetivo lembrar as conquistas sociais, políticas e econômicas das mulheres, independente de divisões nacionais, étnicas, linguísticas, culturais, econômicas ou políticas.

feminista obteve muitas conquistas, mas está distante de findar ou tornar-se obsoleto, ainda há muita luta, discussão e reflexão a enfrentar.

A literatura no Brasil, institucionalizada no século XIX como instrumento pedagógico e de formação da identidade nacional, mostrou o quanto o domínio masculino na época contribuiu, veementemente, para a invisibilidade da autoria feminina.

O nacional, enquanto espaço das projeções imaginárias de uma comunidade que buscava afirmar sua autonomia e soberania em relação à metrópole, constituiu-se como um domínio masculino, de forma explícita e excludente. As figuras do pensador, do crítico e do escritor definiam o lugar do sujeito que fala em nome da cultura e da cidadania a partir de uma lógica conjuntiva e horizontal, de cunho universalista, em sintonia com a racionalidade progressiva da coesão social em que se pautava a concepção de nação moderna. (SCHIMIDT, 2019, p. 71)

O resgate das obras de autoras mulheres começam a surgir gradualmente no campo acadêmico; esses textos vêm em forma de críticas às formações canônicas e às representações dominantes que excluía textos por serem de outro gênero, classe social e raça. Para Schmidt (2019, p.72) “a relação estreita entre literatura e identidade nacional se impôs no século XIX para uma elite dirigente empenhada na elaboração de uma narrativa que pudesse, simbólica e ideologicamente, traduzir a independência política e a necessidade de singularizar culturalmente a nação emergente”, a partir da necessidade de construção de uma literatura própria fez-se necessário dar voz a essas falas silenciadas.

Já as mulheres, desde sempre destituídas da condição de sujeitos históricos, políticos e culturais, jamais foram imaginadas e sequer convidadas a se imaginarem como parte da irmandade horizontal da nação, e, tendo seu valor atrelado a sua capacidade reprodutora, permaneceram precariamente outras para a nação, como bem coloca Mary Louise Pratt em seu estudo “Mulher, literatura e irmandade nacional” (SCHIMIDT, 2019, p. 74).

A construção da literatura nacional foi dada através da perspectiva de um nacionalismo romântico conservador que tinha a cumplicidade do modelo cultural dominante, no qual houve a necessidade pela elite letrada de tornar a cultura brasileira masculinizada e branca conforme os padrões representativos da época.

## **2.2 A poesia e o regionalismo**

Na poesia contemporânea, constata-se a premissa de que autores se aprofundam em temas do cotidiano baseado em relações afetivas, com temáticas

mais particulares, avessos à utilização somente da razão, Conforme Cyntrão “a função emotiva, ou “expressiva”, é centrada no remetente e tem por objeto a expressividade direta de quem fala em relação àquilo de que se está falando. Essa expressão flui com facilidade na poesia brasileira contemporânea” (2008, p.86).

Segundo Karl Schollhammer (2009), o escritor contemporâneo está sempre instigado pela força da urgência e pela necessidade de fazer a correlação da sua existência com o momento histórico. Apesar disso, há uma impossibilidade de fazer essa captação devido à sua inserção no atual momento. A poesia, como qualquer outro elemento solitário nessa misteriosa personalidade social a que chamamos nossa “cultura”, deve permanecer dependente de muitíssimas circunstâncias que escapam ao seu controle (ELIOT, 1991).

No que diz respeito à poesia específica de cada região, Donald Schüller na obra *Poesia modernista no Rio Grande do Sul*, explica que o termo “regionalista”, que remete a uma cultura campeira, às coisas do campo, do homem rural, poderia ser substituído por “regional” que abrange todo o território geográfico em que o estado está inserido, pois, a poesia escrita por sul rio-grandenses é considerada gaúcha. No estado, a criação de gado e cavalos não é a única atividade econômica e nem o único estilo de vida pertencentes ao povo, conforme elaborado pelo autor:

Abandonamos o termo “regionalista”. Costuma-se designar com ele a literatura de ambientação campeira. Falta, entretanto, rigor a esta designação. Já a impregnação ideológica dificulta o emprego. Deveríamos preferir então o adjetivo “regional”. Mas regional toda a poesia que responde ao desafio do meio é. Como a criação de gado não é nossa ocupação única, teríamos que considerar regionais outros estilos de vida. Ampliando, o termo torna-se incômodo, daí a preterição. Preferimos chamar de referencial a poesia que reage ao apelo do mundo exterior. Esta designação nos permite acompanhar a poesia a dilatados horizontes. (SCHÜLER, 1982, p. 11)

Nasce o regionalismo Sul-rio-grandense da premissa de que o Rio Grande do Sul era superior às demais províncias, devido a vários aspectos: pelo povo formador, pela economia, sociedade militarizada, pela sua localização geográfica e pela pecuária, todos esses conceitos foram fomentados por liberais moderados e farroupilhas. No entanto, a imagem do gaúcho histórico, sem romantismos, é de um ser andarilho, “vagamundo”, que capturava e matava gado alçado, bandido, conhecido como malfeitores da campanha.

É pela ordem do imaginário que se viabiliza a fundação de um lugar para o gaúcho e para todos os elementos que lhe são correlatos. [...] na ordem do imaginário que ocorrem as transformações nas relações sociais, o que pode gerar na constituição de práticas (sociais, culturais e discursivas) outras que

não as já instituídas. (SILVEIRA, 2004, apud GUARDA E LEMOS, 2015, p. 04)

O mito do gaúcho de ser herói, hospitaleiro, corajoso que luta e não teme a morte, também surge com a literatura romântica no século XIX. Através de uma determinada interpretação da realidade, essa definição de gaúcho passou a existir nos referenciais teóricos e se tornou conhecido por todos, utilizando a narrativa do homem campeiro e sua hospitalidade, durante as revoluções ocorridas na região da fronteira. Esse conceito se consolidou como tradição e foi passado por muitas gerações.

Com o surgimento de um novo tipo de gaúcho, aquele saudoso, herói foi destruído pela urbanização; Alcides Maya, em 1910, publicou *Ruínas Vivas*, cultuando o passado, no qual considera o Rio Grande do Sul decadente e o gaúcho valente, destemido e mulherengo, conforme o poema a seguir, dando ênfase ao machismo em que objetificando “cavalo gordo” e “mulher”, os tornando objetos do seu prazer:

Sou gaúcho de bom gosto,  
Morro quando Deus quiser;  
Só dois prazeres conheço:  
Cavalo gordo e mulher (MAYA, 1910, p. 59).

A obra *Contos Gauchescos* (1912) de João Simões Lopes Neto, retrata uma literatura regional, fortalecendo um sentimento regionalista. Do mesmo modo o estereótipo de “gaúcho machão” e valente passou a ser ressaltado por escritores tradicionalistas, como Vargas Neto em 1925.

O Regionalismo, que sucedeu e se estende até os nossos dias, foi uma busca do *tipicamente brasileiro* através das formas de encontro, sugeridas do contato entre o europeu e o meio americano. Ao mesmo tempo, documentário e idealizador, forneceu elementos para a autoidentificação do homem brasileiro e também para uma série de projeções ideais. (CÂNDIDO, 2002, p. 86)

A instituição organizada denominada Movimento Tradicionalista Gaúcho teve sua origem em 1868, com a fundação do Partenon Literário, por João Cezimbra Jacques, em Porto Alegre. Em 1898, surgiu o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre voltado para promoções tradicionalistas como festas, palestras, desfile de cavalarianos com a finalidade de celebrar as tradições gaúchas. O mesmo objetivo abarcava as duas entidades, de manter as tradições adequando-se ao presente, não se distanciando da modernidade. Em 1947, um grupo de jovens do Colégio Júlio de Castilhos, organizou a primeira *Ronda Gaúcha* que deu origem à semana Farroupilha e sua *Chama Crioula* (a expressão Crioulo, no RS, é utilizada para qualificar o que é original, nativo e puro,

natural do estado). Em 1948, foi fundado em Porto Alegre, o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, 35 CTG. A partir disso, a definição do vestuário da prenda foi definida pelos homens, surgem as denominações de peão e prenda e as definições de qual indumentária seria usada adequadamente nos Centros de Tradições Gaúchas.

E como é que é o vestido das moças? Como modelo aproximado, só havia os vestidos caipiras, das festas juninas de São Paulo, ou as "folhinhas" anuais distribuídas pela Cia. Alpargatas na Argentina. Paixão encasquetou que deveriam ser vestidos compridos, até os tornozelos; eu argumentei que se nós rapazes estávamos trajando nossas costumeiras bombachas, não carecia que as moças se voltassem para tão longe nos antigamentos; isto não chegou a ser posto em votação, mas o bigodudo Paixão nos venceu pelo cansaço. (LESSA, 1985, p. 66, apud BRUM, 2009, p. 151)

Os bailes, concursos e apresentações artísticas realizadas pelos CTGs, necessitavam de uma indumentária, correspondente à época histórica do Rio Grande Sul, que foi, assim, denominado como "pilcha" a vestimenta de peões e prendas.

Como já mencionei, o termo prenda que "originalmente" significava um objeto de valor, uma preciosidade no universo do gauchismo, passa a designar a mulher tradicionalista. Para Maciel (2001, p. 257) o termo prenda que tem o sentido de dom, dádiva e presente (por ser precioso) é também o imperativo do verbo prender. Isso é muito significativo no universo representacional do gauchismo, pois esse tem como arquétipo um homem livre. A prenda significa, neste contexto, não apenas os laços familiares que o prendem, mas a contrapartida do ideal positivista do homem provedor, da mulher submissa e da filha modelo de virtudes. (BRUM, 2009, p. 152)

No tradicionalismo, o conceito de "prenda" é aquela mulher jovem, moça, a "joia do pago", que faz par com o peão. Para Brum (2009), ao associar a mulher com preciosidade fica expressa a dimensão de cuidado e preocupação com as prendas. O vestido de prenda como um traje deve propiciar uma imagem condizente com os padrões de feminilidade do tradicionalismo. A roupa deve espelhar o recato feminino e produzir um modelo para ser vivido. Além disso, é interessante ressaltar o conceito de prenda que foi inicialmente instituído pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho em seus concursos de prendados do Estado. O próprio termo *prenda* ainda hoje tem conotações machistas, como é explicitado nas entrevistas e materiais do meio.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Exemplo disso é a entrevista com Alessandra Carvalho da Motta, natural de Cachoeira do Sul, formada em Direito pela PUC, especialista em Direito Penal e servidora do Tribunal Regional Federal da 4ª Região. Atuou por mais de 20 anos como artista e ainda é bailarina, professora, avaliadora, coreógrafa, apresentadora, palestrante e pesquisadora, em que fica claro a noção de que a "prenda" deve se relacionar com os ideais de beleza e maternidade. Disponível em: <https://degalpao.com.br/artigos/ser-mulher-gaucha-e-tradicionalista/>

Constata-se que, nesse meio, a mulher ainda é considerada recatada, dócil e frágil. Ainda se sustenta a preconceção do sexo frágil, da “florzinha do pago”<sup>3</sup>, uma maior valia e consideração pela beleza, muito presente no imaginário masculino, não enfatizando o que realmente o sexo feminino representa na sociedade.

### 3 ANÁLISES

#### 3.1 ANGÉLICA FREITAS E O FEMININO NA OBRA *UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO*: LEITURA E ANÁLISE DE POEMAS

Os poemas do livro *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas provocam uma série de sentimentos e reflexões sobre os preconceitos, os estereótipos e as visões construídas a respeito das mulheres e de seus corpos. São poemas que trazem problemáticas urbanas femininas contemporâneas retratadas com muito sarcasmo, ironia e humor, revelando como as mulheres se percebem e como são culturalmente percebidas nas suas vidas familiares, sociais e profissionais. Como bem explicado por Geribone (2021, p. 130), ao afirmar que “ao nasceres mulher, carregarás em teu corpo exigências sexuais e comportamentais; sofrerás constrangimentos, imposições, opressões, impedimentos, restrições e censuras”.

Na primeira série de poemas, intitulada *Uma mulher limpa*, através de uma ótica irônica e crítica, a autora nos remete a reflexões e questionamentos ao fazer poemas de investigação e denúncia. Sobre isso, Geribone reflete:

Penso que há, aqui, uma chave de leitura bastante produtiva para os poemas da série *uma mulher limpa*. Quando o eu-lírico representa uma ‘ideia’ de mulher, está apresentando uma construção de mulher a partir de um discurso alinhado aos interesses patriarcais que legitimam o biológico como definidor de *mulher e homem*. No entanto, ao mesmo tempo, o eu-lírico está propondo que várias ‘ideias’ de mulher - *mulheres*, então - possam surgir a partir da desconstrução dessa *mulher ideal*, mostrando a necessidade de irmos além da limitação biológica. São dois planos de leitura que, tratando de hábitos, associações e percepções, nos engendram como ‘femininas’. (GERIBONE, 2021, p. 132)

---

<sup>3</sup> “Florzinha do pago” é uma metáfora de algo que é frágil, belo, que serve basicamente para enfeitar.

Como apontado por Geribone (2021), a poeta nos dedica versos livres para “mulheres livres” marcando o rompimento dos padrões clássicos de poemas e métricas tradicionais, ela dedica aos seus leitores versos que acusam o ambiente violento e problemático em que as mulheres estão inseridas na atualidade brasileira. De acordo com a teoria apresentada vamos à apresentação da análise de alguns poemas de Angélica Freitas.

### 3.1.1 Uma mulher limpa

porque uma mulher boa  
é uma mulher limpa  
e se ela é uma mulher limpa  
ela é uma mulher boa

há milhões, milhões de anos  
pôs-se sobre duas patas  
a mulher era braba e suja  
braba e suja e ladrava

porque uma mulher braba  
não é uma mulher boa  
e uma mulher boa  
é uma mulher limpa

há milhões, milhões de anos  
pôs-se sobre duas patas  
não ladra mais, é mansa  
é mansa e boa e limpa  
(FREITAS, 2019, p. 11)

Ler esse poema não é trabalho para leitores/as sem empatia e conservadores da manutenção canônica da Língua Portuguesa, são versos que transformam a



palavra e criam experiências cheias de significado. Sobre esse poema, Geribone pondera:

O primeiro poema se inicia com explicação em uma sintaxe invertida, como se o eu-lírico tivesse a responsabilidade de proferir uma resposta, explicitando uma definição de estado - “porque uma mulher boa/é uma mulher limpa”. Impulsionei minha leitura ao questionar o papel da semântica positiva em torno de palavras como boa e limpa, afinal essas caracterizações dependem de muitas coisas - boa em que sentido?, limpa para quem? etc. Para que isso fique claro, o eu-lírico reforça essa explicação com uma condição - “e se ela é uma mulher limpa/ela é uma mulher boa”. Essa estratégia cria, no poema, a representação de um ciclo sem fim de causa e consequência, reduzindo a mulher a duas características que só fazem sentido quando vistas em relação a um outro - limpa para o outro (usá-la?), boa para o outro (submetê-la?, subjugar-la?). (GERIBONE, 2021, p. 134)

Refletimos que não há e nunca houve o interesse de que mulheres atendessem suas demandas internas, sua subjetividade; esse primeiro poema já demonstra a caracterização pejorativa da mulher, o comparativo com substantivos animais como patas e focinhos, demonstrando como o senso comum vê uma mulher que não se encaixa nos padrões esperados nas relações sociais, um sujeito sujo retratado assim, na segunda estrofe, os seus “latidos” podem ser considerados como aquela que grita e fala sem sentido, contrariando o que se espera de uma mulher ideal, *boa e limpa*.

A “engenharia” masculina que configurou a construção do imaginário feminino através da sua ótica, tratou de reduzir as mulheres a coadjuvantes de uma história contada somente por eles e para eles, as tornando espectadoras e submissas, a fim de as reduzir e as inferiorizar. Angélica pretende, com sua obra, problematizar e trazer à reflexão esse imaginário, presente na sociedade, estereotipado e distorcido do “ser mulher”. Em suma, nesse primeiro poema, a visão distorcida vai desde a animalização até o discurso sem sentido, sem crédito, enaltecendo a inferioridade intelectual do feminino.

Domesticar a mulher é fundamental para manutenção do patriarcado, pois as é negado que exerçam plenamente suas identidades sem serem balizadas por expectativas másculas, ficando muito explícito no poema, especialmente na estrofe final, em que vemos a transformação pela qual a mulher passou do status de “selvagem” “mansa e boa” (sem conscientização do seu estado de submissão) para a ocupação de um lugar de fala, de ferocidade por lutas igualitárias em busca da liberdade.

### 3.1.2 Uma mulher sóbria

uma mulher sóbria  
 é uma mulher limpa  
 uma mulher ébria  
 é uma mulher suja

dos animais deste mundo  
 com unhas ou sem unhas  
 é da mulher ébria e suja  
 que tudo se aproveita

as orelhas o focinho  
 a barriga os joelhos  
 até o rabo em parafuso  
 os mindinhos os artelhos  
 (FREITAS, 2019, p. 13)

Podemos observar o processo de animalização também em *uma mulher sóbria*, no qual o eu-lírico nos mostra a relação conflitante entre *sóbria x ébria*. A mulher ébria e suja possui o status de animal, selvagem, irracional “com ou sem unhas”, como se o fato de ela não estar sóbria legitimasse o sofrimento de uma violência, por estar fora do padrão desejado e ser considerada como “objeto” em que outros (homens) podem se servir à vontade das partes de seus corpos. Os alcoólatras são pessoas que estão à margem da sociedade, quando são mulheres, essa situação piora. As mulheres são ensinadas a tomarem cuidado nas festas, a não beberem muito, mulheres que bebem são consideradas “vulgares” e, caso alguma violência sexual aconteça, se a mulher estiver embriagada, as pessoas a culpam pela violência sofrida. É quase como se o corpo da mulher alcoolizada pertencesse a qualquer um (“tudo se aproveita”) e ninguém pudesse ser responsabilizado.

O uso intenso de metáforas e ironias contidos nos versos de Angélica são evidenciadas nesse poema, ao mostrar de que forma a sociedade pode “desfrutar”

dessas mulheres embriagadas e sujas como se fosse separando “as partes” de um porco, imaginando uma deliciosa feijoada com “as orelhas o focinho/ a barriga os joelhos/ até o rabo em parafuso/ os mindinhos os artelhos”, sendo servida aos aprazados (os homens). A cada dia, nós mulheres, estamos sujeitas aos mandamentos que o patriarcado nos reserva e a todo tipo de violência, simplesmente por sermos mulheres.

Os versos livres de Angélica, com a utilização de uma linguagem coloquial, com palavras reveladoras carregadas de ironias, são um demonstrativo de que essa história tem que ser revisada e se tornar acessível para todos nós. Seguindo a perspectiva da autora de referência Chimamanda Ngazi Adichie:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada(...). Eu gostaria de terminar com essa ideia: quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso. (ADICHIE, 2009, p. 32)

Evidenciamos a importância de não contarmos uma única história, devemos ler e construir novas identidades para as mulheres através dos poemas revigorantes e empoderadores de Angélica Freitas.

### 3.1.3 Uma canção Popular (séc. XIX-XX)

uma mulher incomoda  
é interdita  
levada para o depósito  
das mulheres que incomodam

loucas louquinhas  
tantãs da cabeça  
ataduras banhos frios  
descargas elétricas

são porcas permanentes

mas como descobrem os maridos  
enriquecidos subitamente  
as porcas loucas trancafiadas  
são muito convenientes

interna, enterra

(FREITAS, 2019, p. 15)

O título deste poema contém a palavra “*popular*”, que de acordo com o dicionário são os costumes e desígnios relacionados e legitimados pelo povo, e os dois séculos que aparecem (*séc. XIX-XX*) são períodos fundamentais que marcaram as lutas feministas.

Uma forma de manipulação com relação às mulheres é o chamado *gaslighting*, um tipo de abuso, de influência em que o parceiro cria inseguranças e medos para manipular a mulher psicologicamente obtendo, assim, o controle sobre ela, essa prática gera insegurança, anula suas ações, faz com que ela duvide de seus sentimentos, de sua sanidade e capacidade. É bastante comum nas relações amorosas, de trabalho e amizade. Logo, através de seu peculiar humor e sarcasmo, o eu lírico busca o empoderamento e a humanização de mulheres, retratando a problemática imposta de como elas são incapazes de gerir a própria vida, seus próprios corpos, de como se veem e são vistas pela sociedade ao longo da história. No poema, é relatada a ideia de opressão, restrição, prisão, da “loucura” em que somos rotuladas a todo instante e que no final acaba se conectando e percebemos claramente o nosso papel na sociedade controladora e patriarcal. Segundo Yonissa Marmitt Wadi, doutora em história e professora adjunta do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, a loucura foi historicamente associada às mulheres:

Estudos diversos apontam que, no decorrer do século XX, as mulheres ocuparam gradativamente a maioria dos leitos dos hospitais psiquiátricos e constituíram-se também na maioria das pacientes de clínicas particulares. Segundo autoras como Chesler (1989), Showlater (1985), Gilbert e Gubar (1979,1988) e Garcia (1995), isto acontece por uma dupla razão: historicamente a loucura é considerada uma enfermidade feminina, e as mulheres vivem situações reais de opressão como esposas, filhas, irmãs amantes, mal compreendidas pela psiquiatria. Para Cunha (1989) a loucura nas mulheres - nas interpretações médicas do início do século XX - aparece como mais transgressiva do que nos homens. Nestes, a loucura se

manifestaria na quebra dos papéis sociais desempenhados no espaço público, o de trabalhador ou cidadão: ausência de razão, mau uso da liberdade, privação dos sentidos, comportamentos estranhos ou anti-sociais. Nas mulheres, ao contrário, a loucura se manifestaria preferencialmente na esfera privada - lugar por excelência do sexo feminino. (WADI, 2006, P. 68)

Conforme o estudo apontado acima, a palavra *depósito*, no primeiro verso do poema, nos remete a ideia de que a mulher pode ser guardada, como objeto para que seja usada mais tarde, como parte do “termo de posse” que possuem sobre ela. As mulheres levadas ao depósito são aquelas que incomodam os homens, que atrapalham (a manutenção de seus projetos patriarcais) que perturbam e aborrecem (seus “donos”), que como crianças mal educadas precisam ser “castigadas”. As mulheres “sujas”, “objetos”, “criança” e “ébricas” precisam ser banidas da sociedade por suas atitudes. Os versos “As loucas louquinhas/ tantãs da cabeça/ ataduras banhos frios/ descargas elétricas”, da segunda estrofe, retratam a “loucura” como centro de tratamento sofrido por mulheres ao longo da história, o tom diminutivo é a estratégia do discurso repressivo e o demonstrativo das agressões contínuas.

O verso “são porcas permanente”, além da metáfora, que discutimos anteriormente, remete também à ideia de que essas “loucas” são muito convenientes quando trancafiadas a fim de que não perturbem a paz.

Assim, é possível ainda estabelecer uma relação entre as Mulheres depositada/enterradas, na última estrofe, e o aumento gradual das taxas de feminicídio e violência doméstica no Brasil em 2021<sup>4</sup>, evidenciando a preocupação da poeta em criticar todos os aspectos das violências sofridas pelas mulheres.

### 3.1.4 Uma mulher gorda

uma mulher gorda  
incomoda muita gente  
uma mulher gorda e bêbada  
incomoda muito mais

---

<sup>4</sup> Disponível em: [https://amazoniareal.com.br/na-pandemia-tres-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidios-por-dia/?qclid=Cj0KCQjww4OMBhCUARIsAILndv6-gzEM8OLuEs2b5-UHTRt4HEQJERYukpudrxQ0l4xnJ-8wFe\\_wd8aAvFSEALw\\_wcB](https://amazoniareal.com.br/na-pandemia-tres-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidios-por-dia/?qclid=Cj0KCQjww4OMBhCUARIsAILndv6-gzEM8OLuEs2b5-UHTRt4HEQJERYukpudrxQ0l4xnJ-8wFe_wd8aAvFSEALw_wcB) . Acesso em 02 nov. 2021.

uma mulher gorda  
é uma mulher suja  
uma mulher suja  
incomoda incomoda  
muito mais

uma mulher limpa  
rápido  
uma mulher limpa

(FREITAS, 2019, p. 16)

Os versos desse poema denunciavam, mais uma vez, a padronização de comportamentos demandados às mulheres, se elas fogem a essas condutas impostas, acabam reforçando os estereótipos - *a gorda, a que incomoda, a bêbada, a suja, a louca, a histérica*. Uma das formas de oprimir as mulheres é submetê-las aos padrões de beleza, de obediência, limpeza e pureza impostos pela sociedade. É através da ironia em torno da aparência das mulheres que o poema selecionado provoca uma inquietação e muitos questionamentos. A gordofobia que assola muitos indivíduos traz danos e repercussão negativa para a saúde mental e física das mulheres que estão “acima do peso”, para esses indivíduos, mais importante que ter saúde é ter um corpo magro, esbelto e bonito aos olhos dos outros, para não fugir da regra, do controle e da disciplina.

A intertextualidade com a canção popular “um elefante incomoda muita gente”, evidenciando a forma pejorativa e infantilizada como muitas pessoas chamam as pessoas gordas, acaba reforçando as características que não são aceitas pela sociedade, os estereótipos que giram em torno do corpo da mulher, *a gorda, a que incomoda, a bêbada, a suja*. O poema é finalizado com um clamor: “uma mulher limpa/rápido/uma mulher limpa”. Aprendemos desde crianças a nos comportar, a sermos mulheres limpas, magras, respeitáveis, excelentes mães, castas, ótimas esposas, comportamentos esses inventados por pura conveniência e que, para muitas de nós, nada disso faz sentido, nos libertando das amarras impostas pelo patriarcado.

### 3.2 MARÍLIA FLOÔR KOSBY E SUA VISÃO DO FEMININO NO MEIO RURAL NA OBRA *MUGIDO [OU DIÁRIOS DE UMA DOULA]*

A obra *Mugido* de Marília Floôr Kosby traz reflexões acerca da manutenção do patriarcalismo e suas reproduções de violências, especialmente contra mulheres e animais. Conforme Luís Augusto Fischer, que assina no prefácio da obra:

É a voz feminina falando de mundos dominados por homens, o mundo em geral, este do consumo desmedido (a Amazônia está sendo destruída em grande medida para plantar pasto e alimentar gado para ser morto e vendido a partes remotas do planeta), e o mundo em particular do pampa, território masculino em que mulheres e outras fêmeas são mantidas sob controle preciso e duro. Daí o êxodo, daí poemas e prosas como registro de percurso dessa saída, como atestado de liberdade, como promessa de outro futuro, como convite. (FISCHER, 2020, p. 5)

Os poemas do livro são ambientalizados no meio rural, sob a ótica feminina e ressaltam o quanto é importante a relação entre a mulher do campo e o animal. A autora explica em entrevista que, devido aos atendimentos veterinários pelas regiões campeiras do Rio Grande do Sul, em que participava desde criança até a vida adulta com seu pai, presenciava relações de empatia entre mulheres e as suas fêmeas (animais) de criação. Essas experiências vividas pela autora refletem em seus poemas, em cada paisagem, cada sentimento e cada reflexão.

#### 3.2.1 mmmmmm

mais ou menos que um livro, isto é um  
êxodo  
de uma tal condição humana

o mugido foi a ação escolhida para essa desarticulação

parem de ver uma vaca mugir  
já nem digo ouvir ouvir  
é difícil, o mugido de uma vaca  
parem de ver e procurem a próxima nota

em que a palavra daria  
aquela melodia  
aquele esforço todo  
de guela, olho, bucho, língua, rúmen

que fecunda epifania valeria  
aquele esforço todo?

traduzam o mugido  
(KOSBY, 2020, p. 6)

O primeiro poema que possui o título *mmmmmm*, uma onomatopeia que representa o mugido, algo incompreendido pelos seres humanos, e começa assim: “mais ou menos que um livro / isto é um êxodo / de uma tal condição / humana”, já anuncia um desejo de saída da condição histórica naturalizada em que mulheres e vacas estão inseridas. A relação entre mulheres e fêmeas estabelecida no poema cria um vínculo de intraduzibilidade, de falta de escuta e de entendimento, em que não há a possibilidade da separação das lutas contra as sujeições. Marília Kosby e Angélica Freitas, no posfácio de *mugido*, traduzem o mugido como incompreensível, como se os humanos não entendessem a luta pela libertação animal, já que os mesmos não podem se rebelar contra a opressão que sofrem, o que os mantém na mesma condição de vida. Nesse sentido, o antissexismo (luta pelo fim da discriminação baseada no gênero) e o antiespecismo (luta pelo fim da discriminação baseada na espécie) devem andar juntas.

O eu-lírico desse poema é interpelador, faz com que indivíduos se sintam pressionados a tomar atitudes. Vemos isso quando ele utiliza os verbos no imperativo “Parem” e “traduzam”. A identificação animal/humana ocorre quando no terceiro verso há a descrição da anatomia da vaca, diferente da do corpo humano. O ser humano marginalizado, que não possui direitos é considerado um objeto de consumo, é tratado como animal e a partir daí ocorrem as relações de opressão. No último verso “Traduzam o mugido”, fala dessa relação de falas e escutas, de apagamentos, de incompreensão das lutas pelas causas e injustiças sofridas.



### 3.2.2 angélica

o parto de uma vaca  
não é uma coisa  
simples  
envolve um útero  
imenso  
que rebenta  
e frequenta não raro  
o lado de fora  
um rebento imenso!  
o parto de uma vaca  
requer punhos  
firmes  
finos porém

matar uma vaca  
não é  
uma coisa simples  
requer um tiro  
certo  
alto calibre  
o ponto preciso longe  
do meio da testa  
dois cavalos três  
ou quatro homens  
um guri  
quem sabe uma mulher

carnear uma vaca  
exige sangrá-la  
até a última gota  
para que a carne

não termine preta

sangrar uma vaca

é para exímios

comer uma vaca porém

(KOSBY, 2020, p.18)

É notória a intertextualidade entre o poema “angélica” da Kosby com os poemas da Obra *Um útero é do tamanho de um punho* da Angélica Freitas. A autora de *Mugido* discorre sobre o corpo das vacas, enquanto Angélica fala do corpo da mulher. Esse elo entre elas é importante para a leitura dos poemas, visto que as escritas que retratam mundos distintos, rural e urbano se complementam já que falam da mesma temática, das mesmas aflições e dilemas.

O nascimento e a morte são marcantes nos versos desse poema, a vaca, quando viva, produz leite e muitos terneiros, quando morta, fornece sua carne ao consumo. Traça-se um paralelo entre o parto do animal (vaca) e do humano (mulher) e suas particularidades. O verbo “rebentar” articulado para o substantivo “rebento”, os punhos firmes e finos femininos que se referem ao título da obra de Angélica Freitas estão contidos na primeira estrofe. Porém matar não é algo simples e uma tarefa destinada à mulher, faz necessária a presença da figura máscula: “três /ou quatro homens/um guri”, o eu-lírico define o matar, sangrar e carnear uma vaca como um ato complexo, que somente “exímios”, pessoas de excelência (homens) conseguem realizar com competência. E encerra o poema com “comer uma vaca porém”, resumindo que qualquer pessoa é capaz de comer carne.

As reflexões ético-políticas que esses versos carregam é do direito de espécies humanas escravizarem, explorarem e matarem espécimes (vacas e mulheres) por considerá-las inferiores no contexto do patriarcado, os permitindo usar como mercadorias de trocas, barganhas, as colocando ao seu dispor, apropriando-se de seus corpos e as matando. “requer um tiro certo/ alto calibre”, dessa forma, prosseguem os estupros, os feminicídios com tiros certos, as incalculáveis mortes de mulheres obrigadas a se submeter a abortos ilegais. Conforme Franciele Machado de Aguiar (2021), a obra *Mugido*

[...]permite articular, a partir de suas imagens poéticas, conceitos e pautas de enorme importância às teorias e aos movimentos feministas, como corpo, gênero, sexualidade, maternidade, trabalho e controle reprodutivo, alteridade, relações humano-animal, Um e Outro, natureza-cultura, violências de gênero, bem como a conexão, a interseccionalidade entre opressões - caminho por meio do qual poderemos percorrer alguns dos fundamentos teóricos do *ecofeminismo*, vertente do feminismo que localiza uma mesma lógica de dominação opressão de minorias políticas, mulheres, natureza e animais não humanos. O *ecofeminismo* questiona dualismos como o de Natureza/cultura, que sustentam o patriarcado ao atribuírem gênero e hierarquia a cada um desses polos, identificando as mulheres com a natureza e os homens com a cultura e atribuindo valor superior à cultura, o dualismo confere ao lado “civilizado” o direito à exploração e à dominação sobre o outro. (AGUIAR, 2021, p. 119)

### 3.2.3 [Quando fui ganhar o Jefferson, eu não tive dilatação]

“Quando fui ganhar o Jefferson, eu não tive dilatação. Foi uma luta pra ele nascer. Eu quase morri”. Deitada sobre a vaca, Jaqueline desconfia até do veterinário. O pai me conta depois que isso é comum de acontecer: “A Deise, lá da figueirinha, se torcia toda, quando eu fazia a injeção nos bichos parecia que era nela que eu estava fazendo” (KOSBY, 2020, p.47)

Partindo dessas reflexões que mulheres como Jaqueline, apresentadas nesse pequeno poema em prosa, contrárias a eutanásia de fêmeas bovinas que apresentam problemas para parir, possuem a empatia que rege essa relação humano-animal, de uma solidariedade que está presente na relação com os animais de estimação em uma paisagem íntima entre elas.

A voz como sonoridade, estereotipicamente feminina, porque perturbaria a linguagem com afetos, emoções, pulsionalidade corpórea, era tida como algo perigoso, enganador - mais ainda a voz cantada em melodias sem palavras. O pensamento deveria, então, desvocalizar-se, desfazer-se das “perturbações” corpóreas para constituir-se enquanto conceito e buscar as abstrações pretensamente universalizantes - as mesmas que sufocam a diferença, tão marcada na unicidade da voz, em seu aspecto irrepelível, contextual, relacional. (AGUIAR, 2021, p. 115)

A vida das mulheres do campo e sua comunicação e empatia com os animais é o retrato desse poema. A violência obstétrica, termo utilizado a partir do movimento social em prol do parto humanizado no Brasil, que o define como as práticas aplicadas nos sistemas de saúde ao atendimento às gestantes durante o parto e puerpério que podem ser classificados como violências morais, físicas, psicológicas e patrimoniais, conforme Silvia Badim Marques:

A violência obstétrica caracteriza-se como uma violência de gênero, por ser cometida contra mulher em todas as etapas da gravidez e do pós-parto,

incluindo os casos de abortamento. Essa violência é considerada como parte integrante de uma sociedade que violenta as mulheres pela sua identidade de gênero e pela sua condição feminina, fruto da dominação masculina que origina o machismo, tanto institucional quanto pessoal, e que recai nas diversas relações da mulher com seu corpo, sua posição na sociedade e sua dignidade. (MARQUES, 2020, p. 98)

O poema retrata algumas violências de gênero, o controle reprodutivo, a cultura do estupro, a violência obstétrica, condições ideológicas sustentadas pela sociedade patriarcal, em que mulheres são desvalorizadas e essa ressalta as diversas formas de opressão como sexismo, racismo, classismo e especismo.

### 3.2.4 [degolar pelo prazer de ter a língua de alguém dentro da mão]

degolar pelo prazer de ter a língua de alguém dentro da mão  
degola-se para ver como funciona o esôfago inimigo  
em qual cavidade perfura-se  
a voz

ali naquela curva  
muito se degolou  
agora ali naquela curva desvia-se  
(KOSBY, 2020, p.49)

Os versos desse poema fazem uma relação direta à violência contra a mulher, ao feminicídio e suas taxas alarmantes e crescentes, como mencionado nessa pesquisa. De acordo com Franciele Machado de Aguiar, "a obra de Kosby nos lembra ainda da construção de masculinidades que se opera em gestos de domínio e controle, em rituais de virilidade que reafirmam atitudes de violência em relação à natureza (AGUIAR, 2021, p. 122), em que homens, por se considerarem proprietários e se apossar dos corpos das mulheres, se veem no direito de ceifar suas vidas, de cometer diversos tipos de violência como física (que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher), psicológica (cause dano emocional e diminuição da autoestima), sexual (qualquer conduta que constranja a mulher a presenciar e manter relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força), moral (quando o agressor atribui à mulher fatos que maculem a sua reputação) e patrimonial (conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus

objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades).

No terceiro e quarto verso “em qual cavidade perfura-se/ a voz”, representa-se o silenciamento das vozes femininas em todos os setores da sociedade como condição histórica, em todas as formas de opressão, em todos os momentos que não somos ouvidas, em todas as imposições de estereótipos e padronizações impostas, de todas as vezes que somos caluniadas, descredibilizadas e ridicularizadas, dos momentos em que mulheres inventam desculpas para justificar a violência do companheiro, a violência contra mulheres estupradas e vítimas de feminicídio. O silêncio perpetua padrões, dá legitimidade a poderes e realidades que deveriam ser combatidos e denunciados, autoriza o patriarcado a manter suas imposições e machismos. Quando não denunciemos, estamos banalizando a violência contra a mulher assim como demonstra nos últimos versos “ali naquela curva/ muito se degolou/ agora ali naquela curva desvia-se”.

### **3.3 JUREMA CHAVES E A SENSIBILIDADE FEMININA NO REGIONALISMO GAÚCHO NA OBRA *JUREMA 60 ANOS DE POESIA*: LEITURA E ANÁLISE DE POEMAS.**

Jurema Chaves é uma poeta consagrada no Movimento Tradicionalista Gaúcho, que exerce uma função de extrema importância na produção poética do Rio Grande do Sul, sendo a autora mais declamada em concursos de declamação e festivais de cultura e folclore gaúchos. É uma exceção dentre os autores que predominam na chamada “poesia regionalista” gaúcha, em que os meios de circulação desse tipo de poética são predominantemente masculinos. A poeta costuma falar, em entrevistas e apresentações que “*Quem me lê, diz que a minha alma passeia pelo livro*”, é uma escritora que está inserida no meio tradicionalista, na cultura gaúcha, e conforme Kosby (2021):

Porque esse algo potente, quando está no corpo de uma mulher e age a partir dele, desorganiza, desordena, causa ruído nos retumbos da marcha do centauro dos pampas, que ainda se ouve por aqui. Pode haver autores homens que tentam lidar de forma mais disruptiva com essa violência da vida campeira, e misoginia, que povoa o imaginário da chamada “cultura gaúcha”. Mas uma mulher escrevendo de dentro desse mesmo universo, com a sua cabeça de vaca louca, a menos que se mutile, não dirá palavras com a

mesma língua de um homem, por mais inovador que este se julgue ser.  
(KOSBY, 2020, p. 65)

Jurema Chaves, na sua obra *60 anos de poesia* (2021), em que as temáticas predominantes são a vida, a gratidão e a infância, faz um compilado de poesias que escreveu ao longo de sua história e algumas publicações inéditas. Escreve majoritariamente poemas com estruturas fixas usando métrica e rimas. O eu-lírico, frequentemente ufanista e romântico, traz palavras de amor à terra e ao tradicionalismo, pois suas composições atendem aos anseios deste público. São poemas que falam dos usos e costumes do Rio Grande do Sul, trazendo temáticas como a mulher “prendada” e a exaltação às belezas naturais do estado.

### 3.3.1 Meu canto chão

eu sou a prendinha gaúcha  
deste Rio Grande altaneiro  
sou bisneta de um tropeiro  
meu avô um domador,  
herdeira de um sangue forte  
carrego de sul a norte  
não importa pra onde eu for,  
carregarei em meu peito  
minha mensagem de amor!

e quando o sol se inclina  
beijando o verde do chão,  
já preparo o chimarrão  
pra esperar meu pai campeiro,  
misto de campo e luzeiro,  
com muita dedicação  
numa casinha pequena  
Há um mundo de mansidão!

sou apenas uma menina  
cuidando casa e jardim

é doce viver assim  
no toque da natureza  
nas aguadas, correntezas  
que a pampa guarda pra mim!

canto canções de ninar  
para embalar as bonecas  
essas bruxinhas sapecas  
que faz beicinho chorando  
só pra eu ficar embalando  
Até a noite dormir!

às vezes vou aos fandangos  
junto com os meus pais,  
ponho um vestido rodado  
e fitinhas no cabelo  
que mamãe com muito zelo  
deixa todo arrumadinho!  
ponho a boneca na cama  
e saio devagarinho!

essa é a minha vida  
a vida que quero ter  
junto da minha família  
seguirei a mesma trilha  
amando meu canto chão  
bendita mãe natureza  
que semeou tanta beleza,  
dentro do meu coração!  
(CHAVES, 2021, p.92)

Os poemas de Jurema Chaves têm, em sua maioria, características ufanistas e muitas referências a elementos conservadores e tradicionais cultuados pelo

Movimento Tradicionalista Gaúcho, como a utilização do termo “prenda” para denominar pessoas do sexo feminino. O poema “Meu canto chão” traz essas referências com muita força logo em sua primeira estrofe, quando o eu-lírico declara, já no primeiro verso se tratar de “uma prendinha gaúcha” e, na sequência, relatar sua descendência apenas apontando antepassados homens (bisavô tropeiro e avô domador, pai campeiro), o que é curioso, pois as mulheres antepassadas não parecem ter relevância para serem citadas com a mesma importância na formação do “Rio Grande altaneiro” e nem possuírem o “sangue forte”, mencionados na estrofe, o que aponta para o apagamento histórico sofrido pelas mulheres, evidenciado nessa pesquisa. Conforme expõe Simone de Beauvoir:

No mundo humano, a mulher transpõe as funções da fêmea animal: ela alimenta a vida, reina sobre as regiões da imanência; o calor e a intimidade da matriz, ela os transporta para o lar; ela é quem guarda e anima a casa em que se deteve o passado, em que se prefigura o futuro; ela engendra a geração futura e alimenta os filhos já nascidos; graças a ela, a existência, que o homem despende pelo mundo no trabalho e na ação, concentra-se retornando à sua imanência: quando à noite ele volta para casa, ei-lo ancorado à terra; pela mulher, a continuidade dos dias é assegurada; quaisquer que sejam os acasos que enfrente no mundo exterior, ela garante a repetição das refeições, do sono; ela conserta tudo o que a atividade destrói ou desgasta: ela prepara os alimentos do trabalhador cansado, dele trata se está doente, cerze, lava. (BEAUVOIR, 2016, apud DANIELI p.05)

As segunda, terceira e quarta estrofes referenciam os afazeres domésticos que, de acordo com a tradição conservadora, pertencem apenas às mulheres, como aguardar seus homens com o chimarrão pronto, cuidar da casa e jardim com muita dedicação enquanto os homens saem para trabalhar e cuidar de suas bonecas (filhos) até que eles durmam. Na quinta estrofe há uma menção à mãe, mas reforçando o discurso tradicionalista, falando em vestido e na mãe “deixando tudo arrumadinho” para irem a um baile, o que reforça as funções de cuidadora por parte das mulheres de acordo com o patriarcado. A última estrofe corrobora com toda mensagem transmitida até então; o eu-lírico reafirma que “esta é sua vida” e que é “a vida que quer ter”, finalizando com o texto ufanista sobre natureza e beleza.

### 3.3.2 Cultura sem fronteiras

Venho de terras distantes

Nasci trazendo o esplendor



Da raça miscigenada!  
Cheguei rompendo fronteiras  
Quebrei tabus e barreiras  
Com garra, força e respeito  
Busquei novos horizontes  
Trazendo a pátria no peito!

Cheguei em sopros de auroras  
Trazendo a brasilidade  
Mesclei nacionalidades  
Fiz me pátria e referência  
No âmago de minha essência  
Tinha muito a descobrir  
Na cultura rio-grandense!  
Eu busco incessantemente  
No memorial do passado  
Pra que melhor eu compreenda  
Tantas bravuras e lendas  
De um povo simples, valente  
Pois minha alma, certamente  
Nasceu vestida de prenda!

No bailado que me encanta  
Vestida assim, sou uma gaúcha  
Sou parte da sociedade!  
Pra o amor e a fraternidade  
Não importa a descendência  
Pois não existem fronteiras  
Pra cultura de um povo  
Eu sou assim, e acredito  
Num mundo bem mais bonito  
Com a força de um sangue novo!

Culturas tão diferentes

Podem, sim, estarem unidas  
Numa cadência aguerrida  
Herança de um tempo antigo  
E quando abraço um amigo,  
A minha pátria lá, tão distante  
Está em mim nesse instante  
Vibrando junto comigo!

O meu sorriso transborda  
Brindando, toda orgulhosa  
Pra cantar em verso e prosa  
Sarandeando no galpão  
Pois eu levo a tradição  
Deste Rio Grande campeiro  
Meu pampa sul brasileiro  
No flete do coração!

Brasileira, Americana  
Eu sou também a gauchinha  
Pra dançar a prenda minha,  
O balaio ou o pezinho  
Eu me sinto um passarinho  
Voejando além fronteiras!  
Sou a menina faceira  
Que dança, canta e declama!  
A tradição é uma chama  
Que acendeu dentro de mim  
Esse amor pelo Rio Grande  
Na cultura que se expande  
Pra horizontes sem fim!  
(CHAVES, 2021, p.46)

O poema “Cultura sem fronteiras”, publicado originalmente em 2018, traz referências sobre a mulher gaúcha, identificada como “prenda”, da mesma forma que é feito pelos tradicionalistas. Na primeira estrofe, há uma menção à miscigenação que deu origem à população do Rio Grande do Sul e encerra com uma exaltação à pátria. A segunda estrofe reforça os sentimentos ligados à brasilidade, nacionalidade e patriotismo, além de declarar um interesse em buscar no passado referências à identidade de povo bravo e valente, e declarar que tem “a alma vestida de prenda”. Terceira e quarta estrofes exaltam o fato de que a “prenda” pode ser de diferentes origens, sem deixar de relacionar o amor à pátria. Finalmente, as três últimas estrofes, que mantêm as referências à pátria e à prenda, mas que relacionam estes elementos à tradição. A autora associa a tradição gaúcha, cultura conservadora, à felicidade (sorriso que transborda) e ao amor pelo Rio Grande do Sul.

### 3.3.3 Canção das águas

As águas cantando, embalando o pampa,  
A mais linda estampa de um céu multicores  
Eu canto esse canto a sublime beleza  
Que a mãe natureza sussurra pra mim  
Nos pingos de aurora que choram nas flores  
Colheita de amores, divina e sem fim!

Eu trago da terra toda singeleza  
Da mãe natureza que amo e respeito  
A brisa cheirosa tão meiga sussurra  
E eu sinto a ternura invadir o meu peito!  
Se todo esse amor tem sabor de pitanga  
E a água da sanga me traz emoção  
A melancolia que traz o poente  
Põe doce no amargo do meu chimarrão  
É como se os anjos cantassem o hino  
Que o patrão divino carrega nas mãos!

Se as noites gaúchas são tão calientes  
Jogando inocentes cantigas no ar  
O luar refletido no espelho do açude  
Qualquer índio rude se põe a pensar  
Soluça a guitarra tão enternecida  
Um canto de vida, pra vida cantar!

Porque o sol-pôr me traz as lembranças  
De um tempo criança num rude galpão  
Da brisa que traz o perfume dos campos  
Dos pirilampos de Deus, de tupã  
No canto mavioso de um canário belga  
Que a tarde me entrega num pé de maçã!

Eu sou rio-grandense, sou brasileira  
Índia missioneira, sangue guarany!  
Toda singeleza que trago comigo  
Amor tão antigo, cruzeiro do sul  
Eu sou a herdeira de um pago de amor  
Pequenina flor pampa azul!  
(CHAVES, 2021, p.27)

Em “Canção das Águas”, encontramos um eu-lírico ufanista. O poema, publicado originalmente no ano de 2000, mostra um Rio Grande do Sul belo, cujas características naturais tão potentes são capazes de transformar as pessoas. Em seu texto não há espaço para problemas ambientais ou sociais.

Na primeira estrofe já destaca a “sublime beleza” que proporciona “colheita de amores, divina e sem fim”. A segunda estrofe segue a mesma abordagem temática, ainda invocando divindades, como se elas estivessem abençoando uma terra onde tudo é amor e beleza. A terceira estrofe apresenta outros elementos, que não apenas os naturais. Temos uma referência ao “índio rude”, que se põe a pensar diante da beleza dos elementos naturais que o cercam, e do som de uma guitarra, “espanholismo” para violão. A quarta estrofe remete a lembranças da infância num

“rude galpão” e uma referência curiosa aos sentidos, como olfato (perfume dos campos), visão (pirilampos), audição (canto do pássaro). A última estrofe traz elementos que remetem a uma discussão e uma controvérsia: nos dois primeiros versos que abrem essa estrofe, o eu-lírico declara “eu sou rio-grandense, sou brasileira / índia missioneira, sangue guarany!” e encerra afirmando ser “herdeira de um pago de amor”. O sentimento ufanista no texto não relaciona o fato de ser mulher, indígena e missioneira ao fato de que o povo guarani que construiu as missões foi dizimado por aqueles que realmente herdaram o pago, os portugueses e espanhóis. Essa é uma característica da poesia ufanista, na qual não há necessariamente preocupação com a realidade, mas em exibir aquilo que há de mais bonito e positivo no que se está sendo tratado pelo texto.

### 3.3.4 Doidivas (2)

Não sei se abro a janela  
não sei se fecho a cortina  
calço a sandália amarela  
e vou sapatear na esquina!

não sei se encosto a vidraça  
talvez meu verso não rime  
se eu ficar fazendo graça  
me expondo pela vitrine!

não sei se danço descalça  
ou ponho meu salto alto,  
se vou sentar-me na praça  
ou dançar tango no asfalto!

não sei se é chuva ou garoa  
que está chovendo lá fora  
não sei se vou pra Lisboa  
a saudade me devora!

não sei ainda o que faço  
se danço tango ou bolero  
se vou juntar meus pedaços  
no colo do travesseiro!

não sei se ligo a vitrola  
não sei se toco sanfona  
se desafino a viola  
e vou dançar com a Madonna!

não sei por que me desfaço  
buscando o que não perdi  
a esperar na janela  
a volta de um colibri!

não sei se pulo a varanda  
dançando um funk animado  
já nem sei por onde anda  
meu juízo enferrujado!

não sei se deixo a saudade  
virar fantasma no quarto  
não sei se danço uma valsa  
ou vou pintar teu retrato!

frequentar festa de gala  
é coisa que nunca faço  
prefiro brincar na chuva  
correndo de pés descalços!

não sei se pinto ou se bordo  
se prossigo ou finalizo  
vamos entrar num acordo

antes que eu perca o juízo!

a vida está tão mudada  
e tem coisas que nunca vi  
sei que ainda não sei nada  
de tudo que eu aprendi!

sou caipira apaixonada  
mas não vou dançar o catira  
pois hoje vou para a calçada  
dançar ao som da Shakira!

vou dançar todos os ritmos  
dessas loucuras modernas  
fingir que somos bem íntimos  
depois fujo para as cavernas!

perdida nesta loucura  
posso ser quem eu quiser  
me libertar da censura  
ser simplesmente mulher!

sou mistério e sanidade  
a mais lúcida insensatez  
pra fugir da realidade,  
um pouco de cada vez!

sou mesmo uma dodivana  
fazendo pirataria  
na santidade profana  
de quem respira poesia!  
(CHAVES, 2021, p.55)

O poema “Doidivas (2)”, publicado em 2020, representa um novo olhar da poeta Jurema Chaves sobre a poesia, sobre o que é ser mulher na contemporaneidade. Mostra um texto que apesar de seguir utilizando as estruturas rimadas, uma característica sua, a autora abandona o ufanismo típico dos poemas tradicionalistas e trilha em um sentido mais libertador, em uma tomada de consciência do estado feminino. O título do poema “Doidivas (2)”, é uma representação da forma como somos pejorativamente denominadas, assim como foi muito bem representado por Angélica Freitas, no poema *Uma canção Popular (séc. XIX-XX)*, “As loucas louquinhas/ tantãs da cabeça”, fala justamente da mulher que pode ser o que quiser, sem necessariamente estar presa a conceitos pré-estabelecidos, tradicionais ou conservadores. Nesse poema a autora apresenta as diversas possibilidades de “ser”, mas em momento algum percebe-se que há espaço para que aceite a condição conservadora de prenda, livrando-se da censura imposta pelo tradicionalismo conservador e sendo simplesmente mulher.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa se propôs, como objetivo principal, constatar o imaginário acerca das mulheres contidos nas obras das três poetisas gaúchas contemporâneas selecionadas, Angélica Freitas, com a obra *um útero é do tamanho de um punho*, Marília Floôr Kosby com a obra *Mugido* e Jurema Chaves com a obra *Jurema 60 anos de poesia*. Através da literatura comparada, constatou-se semelhanças e diferenças de escritas femininas de acordo com a ambientação de seus textos e públicos, ora revelando um feminino estereotipado, ora mostrando um feminino mais libertador, emancipador e transgressor.

Na literatura, as lutas feministas foram fundamentais para dar visibilidade e voz às mulheres em todos os setores da sociedade contemporânea, passando por novos tempos de amadurecimento e reflexão.

Os poemas selecionados e analisados de Angélica Freitas, com todo seu sarcasmo, ironia e humor, têm o poder de desacomodar o leitor e oferecem a possibilidade de fazê-lo (re)pensar sobre o quanto os estereótipos, comportamentos



e identidades são naturalizados. *Um útero é do tamanho de um punho* é um livro estruturado na temática feminina, com leituras e discussões no meio acadêmico, e isso é o que necessitamos para continuar a resistir enquanto mulheres, contribuindo para o debate sobre a pluralidade humana, das inúmeras possibilidades de se exercer o direito de ser mulher perpassando questões de assédios, padrões de beleza, disparidade salarial, e outras tantas inúmeras formas de violência que mulheres vivenciam cotidianamente. Angélica rompe com padrões clássicos de escrita e métricas tradicionais e, em seus poemas há uma urbanidade latente, não havendo espaços para um retrato da mulher sul-rio-grandense como no tradicionalismo gaúcho, pois denuncia os abusos cotidianos, patriarcais em seus versos livres e de resistência.

A escrita de Marília Floôr Kosby, por sua vez, na obra *Mugido*, através dos poemas analisados, traz reflexões sobre o patriarcado e sua manutenção histórica, especialmente contra mulheres e animais. Os poemas são ambientados em uma sociedade patriarcal agropastoril, no meio rural. A analogia que traça entre mulheres e fêmeas (animais) é fundamental para o entendimento da escuta empática de vozes diversas e do quanto é importante a desarticulação das relações de poder, de exploração do trabalho reprodutivo impostas às mulheres, aos animais ou à terra.

Por fim, Jurema Chaves é uma poeta que consagrou sua escrita na cultura gaúcha, no Movimento Tradicionalista Gaúcho. A poesia regionalista, meio predominantemente masculino, ainda propaga a manutenção do patriarcado. A poética de Jurema retrata o romantismo nas questões femininas, ressalta um amor à terra e ao tradicionalismo, falam dos usos e costumes do Rio Grande do Sul, reforçando o Ufanismo em seus poemas. O seu eu-lírico retrata a mulher “prendada”, aquela que cuida do lar, dos filhos, do esposo e exalta as belezas naturais do estado. Há, contudo, uma tomada de consciência do ser feminino, uma experimentação de liberdade, de quebra de estereótipos, de que a mulher pode se libertar dos padrões tradicionais impostos e tornar-se ou fazer o que desejar, sendo simplesmente mulher, como foi ressaltado na análise do poema “Doidivasas (2)”.

Sendo assim, vemos nas três poetisas uma atualização na literatura sul-rio-grandense, que até pouco tempo era predominantemente masculina e excludente, hoje mostra-se renovada e com representatividade. Falar dessa representatividade feminina é falar na busca pela garantia de direitos, na defesa de uma sociedade mais

igualitária; é falar desses femininos diversificados que servem de inspiração para outras mulheres com suas escritas, poemas, poéticas, histórias, resistências e vozes femininas.

## 5. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história Única**. 1. ed. São Paulo: EDITORA SCHWARCZ S.A, 2009. p. 4-35.

ALMEIDA, Lélia. **A sombra e chama**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1996. p. 15-149.

AMAZÔNIA REAL. **Na pandemia, três mulheres foram vítimas de feminicídios por dia**. Disponível em: [https://amazoniareal.com.br/na-pandemia-tres-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidios-por-dia/?gclid=Cj0KCQjww4OMBhCUARIsAILndv6-gzEM8OLuEs2b5-UHTHRt4HEQJERYukpudrxQ0l4xnJ-8wFe\\_wd8aAvFSEALw\\_wcB](https://amazoniareal.com.br/na-pandemia-tres-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidios-por-dia/?gclid=Cj0KCQjww4OMBhCUARIsAILndv6-gzEM8OLuEs2b5-UHTHRt4HEQJERYukpudrxQ0l4xnJ-8wFe_wd8aAvFSEALw_wcB). Acesso em: 2 nov. 2021.

AZMINA. **Vivemos no Pós-feminismo?**. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/vivemos-no-pos-feminismo/>. Acesso em: 2 nov. 2021.

BARROS, José D´assunção. A elaboração textual de hipóteses: uma contribuição ao seu esclarecimento no ensino de metodologia. **Revista Educação em questão**, NATAL, v. 33, n. 19, p. 305-328, set./2008.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 13-219.

BRASIL JURÍDICO. **Desigualdades**. Disponível em: <https://brasiljuridico.com.br/artigos/desigualdade-da-mulher-da-educacao-para-o-lar-conquista-por-espao-profissional>. Acesso em: 13 mai. 2021.

BRUM, Ceres Karam. Vestida de Prenda: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 34, n. 1, p. 147-163, abr./2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1594>. Acesso em: 4 jul. 2021.

CHAVES, Jurema. **Jurema 60 anos de poesia**. 1. ed. Porto Alegre: Bastos produções, 2021. p. 15-223.

COSTA, Juliana Pêgas. AS METAMORFOSES DA MULHER NA POESIA BRASILEIRA FINISSECLAR. **Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 04**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 584-592, ago./2012. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_1/tomo\\_1.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/tomo_1.pdf). Acesso em: 4 jul. 2021.

CYNTRÃO, Sylvia Helena. O lugar da poesia brasileira contemporânea: um mapa da produção. **Ipotesi**, Juiz de Fora/MG, v. 12, n. 2, p. 83-92, dez./2008.

CÂNDIDO, Antônio. **Textos de Intervenção**: Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. 1. ed. São Paulo: 34, 2002. p. 9-92.

DE GALPÃO. **Ser mulher, gaúcha e tradicionalista**. Disponível em: <https://degalpao.com.br/artigos/ser-mulher-gaucha-e-tradicionalista/#:~:text=Social%20por%20natureza%2C%20o%20homem,e%20para%20o%20sexo%20feminino.&text=A%20pandemia%20acabou%20por%20agravar,n%20Am%C3%A9rica%20Latina%5Biii%5D..> Acesso em: 25 mai. 2021.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Significado de Prenda**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/prenda/>. Acesso em: 25 mai. 2021.

ENTREVISTA A CENA. **MARÍLIA FLOÔR KOSBY – XUCRISMO CONTRA TUDO ISSO!**. Disponível em: <https://entrevistaacena.wordpress.com/2018/11/07/marilia-floor-kosby-xucrismo-contratudo-isso/>. Acesso em: 25 mai. 2021.

FISCHER, Luís Augusto. **Um passado pela frente**: Poesia gaúcha ontem e hoje. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1992. p. 9-141.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. 1. ed. São Paulo: Schwarcz S.A, 2017. p. 9-93.

GALPÃO DA POESIA CRIOULA. **Jurema Chaves**. Disponível em: <http://galpaodapoesiacrioula.blogspot.com/2013/01/jurema-chaves.html>. Acesso em: 25 mai. 2021.

GERIBONE, C. F. E. V. D. V. **Autoria feminina e performance de gênero**. 1. ed. Porto Alegre: Bestiário, 2021. p. 9-452.

GONZAGA, Sérgio; FISCHER, Luís Augusto. **Nós, os Gaúchos**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995. p. 12-300.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **As mulheres na Educação**. Disponível em: <http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=422#:~:text=No%20Per%C3%ADodo%20Colonial%2C%20sua%20educa%C3%A7%C3%A3o,de%20origem%20abastada%20tinham%20acesso..> Acesso em: 22 abr. 2021.

GOVERNO DO PARANÁ. **Um Escritor na Biblioteca I Angélica Freitas**. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Um-Escritor-na-Biblioteca-I-Angelica-Freitas>. Acesso em: 25 mai. 2021.

GUARDA, L. C. L.; LEMOS, Marilene. O IMAGINÁRIO SOBRE O GAÚCHO NO POEMA “BOCHINCHO” DE JAYME CAETANO BRAUN. **Universidade Federal da Fronteira Sul**, Realeza, PR, v. 1, n. 1, p. 1-17, dez./2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/312>. Acesso em: 4 jul. 2021.

HAETINGER, S. C. D. S. R. A. S. AS REPRESENTAÇÕES DO SER MULHER NA OBRA “UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO”, DE ANGÉLICA FREITAS. **Revista Humanidades e Inovação**, São Paulo, v. 6, n. 4, p. 9-19, abr./2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/892>. Acesso em: 2 nov. 2021.

HOHLFELDT, Antônio. **Literatura e vida social**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996. p. 7-140.

HOLLANDA, O. H. B. D. **Pensamento Feminista Brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 7-400.

KOSBY, Marília Floôr. MULHERES, VACAS E PARTOS NAS PECUÁRIAS DO EXTREMO SUL DO BRASIL: relações transespecíficas a partir do encontro entre antropologia e epistemologias feministas. **Tessituras**, Pelotas, RS, v. 7, n. 1, p. 93-105, jun./2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/14551>. Acesso em: 4 jul. 2021.

KOSBY, Marília Floôr. **Mugido [ou diário de uma doula]**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garupa, 2017. p. 9-45.

KREUTZ, M. A. L. Seção Temática: Educação Infantil: história, políticas e perspectivas: Representações sobre a atuação docente na educação infantil. **Rev. educ. PUC-Camp.**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 9-17, jan./2013. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/issue/view/275>. Acesso em: 2 nov. 2021.

LESSA, Barbosa. **Rio Grande do Sul, Prazer em conhecê-lo**. 2. ed. Porto Alegre: de Artes, 2009. p. 11-230.

LOUSA, P. L. E. A DESCONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO FEMININA EM UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO, DE ANGÉLICA FREITAS. **IV Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários**, Maringá, PR, v. 1, n. 1, p. 3309-3316, jun./2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/6675651/\\_Um\\_%C3%A9\\_atero\\_%C3%A9\\_do\\_Tamanho\\_de\\_um\\_Punho\\_as\\_vozes\\_feministas\\_na\\_literatura\\_contempor%C3%A2nea](https://www.academia.edu/6675651/_Um_%C3%A9_atero_%C3%A9_do_Tamanho_de_um_Punho_as_vozes_feministas_na_literatura_contempor%C3%A2nea). Acesso em: 4 jul. 2021.

MARQUES, Silvia Badim. Violência obstétrica no Brasil: um conceito em construção para a garantia do direito integral à saúde das mulheres. **Cad. Ibero-amer. Dir. Sanit., Brasília**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 9-119, abr./2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17566/ciads.v9i1.585>. Acesso em: 23 nov. 2021.

MEC. **A Trajetória da mulher na educação brasileira.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/5710-sp-1216879868>. Acesso em: 22 abr. 2021.

MULTI RIO. **A história da educação feminina.** Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina>. Acesso em: 19 abr. 2021.

NETO, J. S. L. **Contos Gauchescos.** 76. ed. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 7-150.

NEUMANN, J. L. P. O. J. M. D. S. C. G. R. **Literatura crítica comparada.** 1. ed. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária PREC - UFPel, 2011. p. 10-251.

NITRINI, Sandra Margarida. **Revista Brasileira de Literatura comparada.** 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 9-166.

OLIVEIRA, G. Q. D. **Rascunhos Culturais:** Revista do Curso de Letras. 18. ed. Santa Maria, RS: UFSM, 2018. p. 1-182.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** 1. ed. São Paulo: Edusc, 2005. p. 9-519.

PLURALE. **Gaslighting: Vamos parar de chamar as mulheres de loucas?.** Disponível em: <https://www.plurale.com.br/site/noticias-detalhes.php?cod=17551&codSecao=>. Acesso em: 2 nov. 2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, v. 14, n. 3, p. 765-799, dez./2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000300011>. Acesso em: 4 jul. 2021.

SCHÜLER, Donaldo. **Poesia Modernista no Rio Grande do Sul.** 1. ed. Porto Alegre: Movimento, 1982. p. 9-106.

SCHÜLER, Donaldo. **Poesia no Rio Grande do Sul.** 1. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 4-347.

SOUZA, R. A. D. A QUESTÃO DO MÉTODO NOS ESTUDOS LITERÁRIOS. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 4, p. 471-476, dez./2014.

TOFANELO, Gabriela Fonseca. A TRAJETÓRIA DO FEMINISMO NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA BRASILEIRA: ESPAÇOS E CONQUISTAS. **Simpósio Internacional de Educação Sexual**, Maringá, PR, v. 1, n. 1, p. 1-11, abr./2015. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2591>. Acesso em: 4 jul. 2021.

UNIRIO. **Poetisas do sec. XVIII.** Disponível em: <http://culturaliterariacolonial.blogspot.com/2016/11/poetas-mulheres.html>. Acesso em: 22 abr. 2021.

WADI, Yonissa Marmitt. Experiências de vida, experiências de loucura: algumas histórias sobre mulheres internas no Hospício São Pedro (Porto Alegre, RS, 1884-1923). **História Unisinos**, Unisinos, v. 10, n. 1, p. 65-79, jan./2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6171/3336>. Acesso em: 2 nov. 2021.

WOLKOFF, Gisele Giandoni. Mulheres na Poesia Contemporânea – Irlanda e Portugal, o espaço entre.... **Revista Porto da Letras**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 53-79, jun./2016. Disponível em: [Mulheres na Poesia Contemporânea – Irlanda e Portugal, o ...https://sistemas.uft.edu.br > article > download](https://sistemas.uft.edu.br/article/download). Acesso em: 2 nov. 2021.

ZILBERMAN, Regina. **Roteiro de uma literatura singular**. 1. ed. Porto Alegre: editora da universidade, 1992. p. 11-86.